

1998/2004

“barro”

da obra demanuel de barros

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

1998/2004

de andré francisco

para Loren, com amor

teatro em telente/inverno de 2004

"barras"

da obra de Manoel de Barros

de **andré francisco**

colaboração: Cici Grott, Fernando Cruz, Lorea Fischer,
Paula Kowalski, Maria Amélia Neto.
teatro em trânsito/inverno de 2006

primeira parte: "a porta (ou auto-retrato)"

POETA

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que
Não vi a hora.
Isso faz tempo.
Foi na beira de um rio
Depois eu já merri 14 vezes.
Só falta a última.
Escrevi 14 livros
E deles estou livrado
(Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim).
Já plantei deztoite árvores, mas gode que só quatro.
Eu pensamentos e palavras namorei noventa moças,
Mas gode que só nove.
Tenho uma confusão: noventa por cento do que
escrevo é invenção; só dez por cento é que é mentira.
Quero morrer no barranco de um rio: - sem miséria
Na boca descampada.¹

¹ Livro *Retrato (auto-retrato)* (Paraguru, p. 475)

Vão dizer que não existe propriamente dito.
Que sou um ente entre sílabas.
Vão dizer que eu tenho vocação para ninguém.
Meu pai costumava me alertar:

PAI

Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir e sem
das palavras
Ou é ninguém ou zoro.

POETA

Eu teria treze anos.
De tarde fui alhar a Cordilheira dos Andes
que se perdia nos longes da Bolívia
e veio uma iluminação em mim.
Foi minha primeira iluminação.
Dai botei meu primeiro verso:
Aquele morre bem que amorta a banda da paisagem.
Mostrei a obra pra minha mãe.
Minha mãe falou:

MÃE

Agora você vai ter que assumir as suas
Irresponsabilidades.

POETA

Eu assenti: entrei no mundo das imagens.¹

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, só a poesia é
verdadeira.²

¹ Os poemas estão agrupados — p. 473

Segunda parte: achadinhos

(incluindo da partitura “duas crianças” e “14”)

JOVEM POETA

Acho que o quintal onde a gente brinca é maior que a cidade.

POETA

A gente só descobre isso depois da grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.

JOVEM POETA

Há de ser como o vento, e com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo.

POETA

Isto pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa.² Isto porque a gente foi criada em lugar que não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia de fabricar os nossos brinquedos.

JOVEM POETA

Eram bolachinhos de coco, bolas de meia, automóveis de lata

¹ (isto sobre tudo – p.47)

² (achadinhos/achadinhos/achadinhos – a infância – 37)

POETA *— O mundo é um pedaço de sucata. É sucata de história, sucata de história.*

Estranhei muito quando mais tarde, precisei morrer na cidade.

JOVEM POETA

— O mundo é um pedaço de sucata de história.

Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vi na praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto.

MÃE

— O mundo é um pedaço de sucata.

Isso não é faca, é espada e o homem é um herói da nossa história.

JOVEM POETA

— O mundo é um pedaço de sucata.

Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado em um cavalo de pedra.

POETA

— O mundo é um pedaço de sucata de história.

Para mim aqueles homens em cima de pedra eram sucata. Seriam sucata da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava de espantalhos, vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para um menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rio, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade...

¹ (antes: sucata/história de sucata — a história — XV)

(começa a partitura "Carlitos". Enquanto se executa a partitura, o poeta vai à um arbusto obrar)

JOVEM POETA

Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira da minha avó, eu obrar.

POETA

Minha avó não ralhou nem.

JOVEM POETA

Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.
Esse verbo tinha um dom diferente.
Obrar seria o mesmo que cacuar.
Sei que o verbo cacuar
se aplica mais aos passarinhos.
Os passarinhos cacuam nas folhas nos postes nas pedras do rio
nas casas.
Eu só obrar ao pé da roseira da minha avó.

POETA

Mas ela não ralhou nem

AVÓ

As roseiras estão carecendo de estercos orgânicos, e as obras trazem força e beleza.

(jovem poeta começa a rir)

UMA MENINA

Para ajudar, foi fazer obra nos canteiros da horta

POETA

Ela só queria dar uma força às beterrabas e aos tomates.

AVÔ

E eu quis aproveitar o feito para ensinar que o sago não é coisa desprezível.

POETA

eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava o pai.

JOVEM POETA

Minha avó, ela era transgressora.

AVÔ

Não despreze as coisas desprezíveis e nem os seres desprezados.⁴

(partitura "vento não tem organismo")

POETA

Primeiro o menino via uma estrela posada nas
pétalas da noite
E foi contar para a turma.

⁴ (desprezáveis desprezados – a infância – 82)

JOVEM POETA

Eu vi uma estrela pousada nas pétalas da noite.

(as crianças estranham "está zorzando")

POETA

Logo o menino contou que viu o dia parado em cima de uma lata,
igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.

JOVEM POETA

Dava impressão que a lata amparava o dia!

(os meninos caçaram e o menino começa a apertar parafusos no
vento)

UMA MENINA

O que ele tá fazendo?

OUTRA MENINA

Ficou zará.

JOVEM POETA

Estou apertando parafuso no vento.

UMA MENINA

Como você pode apertar parafuso no vento...

TODAS AS MENINAS de Carlos Drummond de Andrade

Se vento nem tem organismo. Vento não tem organismo.

POETA

Mas o menino afirmou:

JOVEM POETA

Vento tem organismo, sim.

POETA

E continuou a apertar parafuso no vento.⁷

Queria transformar o vento.
Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.
Ea precisava pelo menos assegurar uma parte física
do vento: uma costela, um olho... estava quase a desistir quando me
lembrei do menino montado no cavalo do vento – que era em
Shakespeare.
Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos godos com o
menino.
Fotografei aquele vento de crinas soltas.⁸

*Luiz Fernando de Almeida, “O vento e o menino”,
disponível em: <www.alfar.org.br/>
da internet*

NOTAS DE RODAPÉ

⁷ “O vento e o menino”, de Carlos
Drummond de Andrade.

⁷ In: *videntes feridos: prosa dos grandes do século* – p. 251

⁸ In: *uma vida: poemas fotografados* – p. 273

OUTRA PESSOA Terceira parte: ainda infância

*As mãos de quem toca
(partitura "o andarilho".)*

UMA PESSOA

UMA OUTRA PESSOA

Não tenho perna.
Tenho só arvores ventos
Pássarinhos – insetos

OUTRA PESSOA

UMA OUTRA PESSOA

Dentro de mim
Eu me escondo
Como os padres do erro

MAIS OUTRA PESSOA

UMA OUTRA PESSOA

Meus caminhos
A garça
Rodine.
UMA OUTRA PESSOA

QUARTA PESSOA

Caracóis sempre chegam depois.
Representa que estão chegando
da eternidade.

UMA PESSOA

A voz dos sapos de tarde
É destroncada
Por dentro.

OUTRA PESSOA

Ao lado de uma lata
De uma pedra
Estoua conforme

MAIS OUTRA PESSOA

Mica desagere
É de ser
Fascinado por trastes

QUARTA PESSOA

Seu livre
para o silbrão das formas
E das flores⁹

POETA

O lugar onde a gente morava era uma ilha lingüística, no jargão dos
dialetólogos (com o perigo da má palavra).
Isto seja: que a gente morava em lugar isolado.
Núcleo de vinte a dez pessoas, onde poderia
germinar um idioleto.¹⁰

Por forma que a nossa tarefa principal
era a de aumentar
o que não acontecia.

UMA CRIANÇA

(nós era um rebanho de garis)

⁹ O livro de Fernando Bruni, *gesto das grandezas do silêncio* - p. 163.

¹⁰ *Trabalho da escrita quando come* - p. 170.

“O mundo é um lugar muito estranho. O poeta entende, de imediato.”

OUTRA CRIANÇA

“Uma criança tem muito mais, em termos de inteligência, do que a maioria dos adultos.”

a gente era bem dotado para aquele serviço
de aumentar o que não acontecia.

POETA

“O poeta não vive no mundo real. Ele vive no mundo da imaginação.”

É aquele colega finha ganho um olhar
de piscuro

Era campo de aumentar desafortunadamente.

CRIANÇA

“A criança é um ser muito mais complexo do que a maioria dos adultos.”

Eu mergulhei um lagarto espichado na arria a beber um copo de sol

HOMEM ADEPTO DA RAZÃO

Eu sou um homem adepto da razão e digo: lagarto não bebe sol no
copo! Isso é uma estultícia.

POETA

Ele fala de sério “O poeta não vive no mundo real. Ele vive no mundo da imaginação.”

Ficamos instruídos.¹¹

Escrevo o idioleto murueles archaico (idioleto é o dialeto que os
idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas) Preciso de
atrapalhar significâncias. (para limpar das palavras alguma
soleridade – uso bosta) Sou muito higiénico.¹²

Prefixo as linhas tortas como Deus.¹³

¹¹ “O mundo é um lugar muito estranho.” (p. 17)

¹² “O mundo é um lugar muito estranho.” (p. 17)

¹³ “O mundo é um lugar muito estranho.” (p. 17)

Hoje eu completo oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de terra.
Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na
fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro.

POETA (para os pais)

PAI Mas que eu gostava de ler livros e de não trabalhar

com a terra, não escrevi uma carta a você, mas sim a meu irmão, que gostava

(lendo a carta) de ler livros e de não trabalhar com a terra, não

não quero ser doutor, nem doutor de curar nem doutor de fazer casas
nem doutor de medir terras. Eu quero ser frascador.

POETA (para o irmão)

POETA Mas que eu gostava de ler livros e de não trabalhar

Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a
cabeça. Eu queria ser frascador e não doutor. Então meu irmão mais
velho perguntou:

IRMÃO

POETA (para o irmão)

Mas esse tal de frascador bota mantimento em casa?

POETA

POETA (para o irmão)

Eu não queria ser doutor, eu só queria ser frascador

IRMÃO

POETA (para o irmão)

Mas, se frascador não bota mantimento em casa, nós temos que
botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar.

POETA

POETA (para o irmão)

A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago.
Mas não botou enxada.¹²

¹² (Frascador/mantimento (mantimento - a colheita) - VII)

POETA

OUTRO OUTRO OUTRO OUTRO

A maior riqueza de um homem é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me acitiam como sou – eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que passa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis da tarde, que vai lá fora, que aperta lápis, que vê a ova, etc. etc.

Perdoad.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando herboléias.¹²

(partitura "no banco")

UM HOMEM

- compadre ando
me respondendo quem crava
exerce alguma raiz?

OUTRO HOMEM

-supo, compadre,
enraiza-se
em estirpe de arca

AINDA OUTRO HOMEM

- e lagartixa,
que no muro anda,
como o quê?

¹² (Cronograma de leitura quando solta - p. 78)

OUTRO HOMEM

- come a lagartixa
e mungo que o mato.
Sendo.

UM HOMEM

Um homem
E martelo
Grana de castela, móbile
Estrela, brólio
Luz e cambó
Valva e pilão, clisa
Fulvis e alfabras, qué sio?

OUTRO HOMEM

Palabras

AINDA OUTRO HOMEM

Um homem
E máquina de dor, é de vapor? Bêncat
De amarelilha
Tem amarelos?
As pontas do mundo
Vans têm?

OUTRO HOMEM

Têm conformes

OUTRO BOMIEM

É esperto, *campesão*,
não cai
do galho.¹⁶

POETA

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: veja que pinga de sol no
ouro de um lagarto é para nós mais importante que o sol inteiro no
corpo do mar. Falei mais: que a importância de uma coisa não se
mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro, etc.
Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo
encantamento que a coisa produz em nós.

UMA CRIANÇA

Assim um passarinho na mão de uma criança é muito mais
importante para ela do que a cordilheira dos Andes

UM CACHORRO

Que o osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de
diamante

UM ARQUEÓLOGO

Que um dente de macaco da era terciária é mais importante para os
arqueólogos que a torre Eiffel.

POETA

(Veja que só um dente de macaco!)

¹⁶ (A) Desqualificado para o resto da sociedade humana, o velho - p. 210

OUTRA CRIANÇA

Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela que o Empire State Building.

JÓVEM POETA

Que o eu de uma formiga é mais importante para o poeta que a usina nuclear.

Formiga: eu sou eu de verdade, não sou uma formiga entre as formigas.

POETA

JÓVEM POETA

Sem precisar medir o linco da formiga. Há um desajuste em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fossem algum exame mental em mim por tais julgamentos vão encontrar:

MÉDICO DA CABEÇA

Ele gosta mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos.¹⁷

POETA

Um doutor velho formado de São Paulo. Almedadinho. Suspensórios. Colete, botina preta com presilhas. É um trejeito de andar de porco relincha. No verbo, diga-se de logo, usava nathalina. Por acaso era persistente no falar. Pessoas simples da cidade lhe admiravam a pose de doutor. Eu só via o casaco. Fomos de tarde ao bar O Porto. Ele, meu pai e este que vos fala. Este que vos fala era um rebelde adolescente. De pronto o doutor falou para o meu pai:

¹⁷ *poemas supostivamente escritos em um momento suposto de infância - (19)*

DOUTOR

Meus parabéns São João, parece que seu filho agora endireitou!

PAI

Ele nunca foi torto

POETA

Pintou um clima de urubu com mandioca entre nós.

JOVEM POETA

O doutor pisou no rabe

POETA

Paraci. Ele ainda pergunta:

DOUTOR

E o comunismo dele?

PAI

está querendo no rio entre as capivaras.

DOUTOR

Vocês é que são felizes porque moram nesse emprego

(o pai cospe empregos de lado)

POETA

meu pai cuspiu o empíreo de lado. O doutor falava bobagens
conspicuas.¹⁰

JOVEM POETA

E doutor se levantou da mesa e saiu com seu andar de verga
magoada.

POETA

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura é o caminho que o
homem percorre para se conhecer.
Sócrates fez o caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que
não sabia nada. Não tinha as certezas científicas. Mas aprendera
coisas di-menhor com a natureza. Estudara em livros demais. Porém
aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar.
Se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno grilo, podia
desmontar os silêncios de uma noite!
Eu vivi antigamente com Sócrates, Platão e Aristóteles – esse
pessoal. Eles falavam nas aulas: quem se aproxima das origens se
renova.¹¹

(entra um repórter de tv com microfones invasivos)

UM REPÓRTER

quem é sua poesia?

¹⁰ (do mundo é que não falamos... até conspurcamos, mesmo: trata-se de "arte de conspurcar bobaças" de "o livro
quero mais" p. 173)

¹¹ (aprendimento e memorização inventados – segunda edição – 327)

POETA

Os nervos do entalho, como disse o poeta
português José Gomes Ferreira
Um menino que obraa atrás de Calabá também
Mel de ostras

OUTRO REPÓRTER

Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?

POETA

Para entender temos dois caminhos: o da
sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da
inteligência que é o entendimento do espírito.
Eu escrevo com o corpo.
Poesia não é para compreender, mas para incorporar.
Entender é parede; procure ser árvore.

UM OUTRO REPÓRTER

Natureza é fonte primordial?

POETA

Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para um
homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; e
lagarto verde que canta de noite em árvores vermelha. Natureza é
uma força que invade como os desertos. Que me enche de flores,
calor, insetos, e me entorpece até a paralisia total dos sentidos.
Então eu apodreço para poesia.

REPÓRTER

Quarta parte do diálogo

E sobre a palavra, ela?

POETA

Quinta e última parte do diálogo

Mexa com palavra
Como quem mexe com pimenta
Até vir sangue no órgão.

OUTRO REPÓRTER

Alguns dados bibliográficos?

POETA

O lajedo interior do poema me arde
Por uma fresta saio hino e lamentos

UM OUTRO REPÓRTER

E como é que o senhor escreve?

POETA

Como se bronha

E agora peço desculpas
Estou arrumado para pedra.²⁰

²⁰ publico com o nome de "O tempo para o silêncio", p. 271

Quarta parte: soneto ao luar

POETA

POETA

a menina apavorou grávida de um gavilo.
Veio falar para a mãe:

MENINA

O gavilo me desmoçou.

MÃE

Você vai parir uma árvore para a gente comer goiaba nela!

POETA

E comeram goiaba. Naquele tempo de dentes não havia limites.
Pessoas viravam árvore. Pedras viravam rouxinóis.

(entra ordem natural das coisas e retira menina e mãe)

ORDEM NATURAL DAS COISAS

Sou a ordem natural das coisas e digo: as pedras tem que rolar seu destino de pedra para o resto dos tempos.

POETA

sé as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas.
As palavras continuam com suas deslimites.²¹

²¹ (Jorge de Sena: *Visagens do arcaico quando corre* – p. 77)

POETA

A máquina não come
Excopta
Atrai braços para a lavoura
Não faz atrás da casa
Usa artefatos de couro
Cria pessoas a sua imagem e semelhança
E aceita encomendas de fora

A máquina funciona como fole de vai-e-vem
Incrementa a produção do vômito espacial
E da farinha de mandioca
Influi na bolsa
Faz encostamento de epidurais
E mostra nos parais

A máquina
trabalha com secos ou molhados
é ninfomana
agarra seus homens
vai a chis de caridade
ajuda os mais fracos a passarem fome
e dá às crianças o direito inalienável ao
sofrimento na forma de acordo com
a lei e as possibilidades de cada uma

a máquina engravidada pelo vento
fornece implementos agrícolas
condemna
é guiada por pessoas de horrorabilidade consagrada,
que não defecam na roupa!

A máquina

Dorme de tosa

Dá ticos pelo espelho e tira coelhos de chapéu

A máquina tritara andrômedas

Não é forte de glaxo²²

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:

Quando cheias de areia de formiga e musgo – elas

Podem um dia milagrar flores²³

POETA

Sombria Boa não tinha e-mail.

Escreveu um bilhete:

SOMBRIA BOA

Maria me espera debaixo do ingazeiro

Quando a lua tiver arta

POETA

Amassou o bilhete no pescoço do cachorro e atirou:

²² *A máquina e máquina segundo M. N., a paratextualização expostiva do objeto* - p. 43

²³ *A máquina e máquina* - p. 53

SOMBRRA DOA

Vai, Rameia, passa!

POETA

Rameia alcançou a cozinha num ritmo
Maria leu e sorriu
Quando a lua ficou esta maria estava.
E o amor se fez sob um luar sem defeito de abril.²⁴

quinta parte – o apunhador de desperdícios

uso a palavra para compor meus silêncios
não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
Ao que vivem de hurriga para cima
Tipo água pedra sapo
Entende bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
E aos seres desimportantes.
Prezo mais insetos que aviões
Prezo a velocidade das tartarugas mais que a das mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nanorça.
Eu fui aparelhado
Para gostar de passarinhos
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.

²⁴ Versos de José Paulo Reisnais – p. 179

Sou um apunhador de despendícios:
Amo os restos
Como as boas moscas
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática
Eu sou da invençãoística
Só uso a palavra para compor meus silêncios

(canto)

a boca na pedra o levava a canto
a o praça o relevava de passarinhos cantando
ele tinha o dom de ir e vir
ele assunha o peixe em sua solidão

seu amor o levava a pedra
estava estropeado de árvore e sol
estropeado até a pedra
até o canto
estropeado no seu melhor azul

andorinhas enferrujadas
andorinhas enferrujadas
andorinhas enferrujadas²⁵

hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra...
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapo.

²⁵ (este poema pertence ao *livro de poemas experimentais de cado* – p. 139)

Daqui vem que todas as portas podem ter qualidades
de árvore.
Daqui vem que todos os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.
daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas
metáforas.
que os poetas podem ser pré-coisas, pré-verbetes,
podem ser pré-mangos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem
conceitos
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
Por efêvios, por afeto.

fim
desterro – 31/03/06